

# Ruptura com ala radical foi essencial para garantir frente

*Para cientista político, com a união Lula evitou discurso imobilista e abriu espaço para crescer para o centro*

A união entre figuras políticas tão distintas como o vice na chapa da frente de esquerdas, Leonel Brizola (PDT), e o governador de Pernambuco, Miguel Arraes (PSB) – dois representantes da velha política populista e nacionalista – e o candidato do PT à Presidência, Luiz Inácio Lula da Silva, parecia ser impossível até Lula mudar o curso da história interna do PT. “No momento em que Lula rompeu com a ala radical do seu partido, deu o sinal que Brizola e Arraes esperavam e ficou livre para deslocar-se ao centro”, avalia o cientista político Francisco Ferraz, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Para ele, Lula e os demais partidos de esquerda surpreenderam os estrategistas do governo federal, que desenhavam um cenário político de “polarização não competitiva”. Ou seja, o presidente Fernando Henri-

que Cardoso ocuparia o espaço da direita para o centro, enquanto Lula ficaria “imobilizado” à esquerda, fazendo oposição ao Plano Real. “Isso não ocorreu – Lula tem hoje uma desenvoltura para migrar em direção ao centro e quem ficou imobilizado foi o presidente.”

Segundo Ferraz, o governo pretendia deixar a fatia do eleitorado localizado à centro-esquerda sem “densidade” político-eleitoral, reduzindo os riscos de uma derrota. Ele lembra que o candidato do PPS à Presidência, Ciro Gomes, e o ex-presidente Itamar Franco, do PMDB, tentaram ocupar o espaço sem sucesso. “O caso de Itamar é a comprovação de que a centro-esquerda é um campo realmente crítico para o governo”, diz, ao comentar o envolvimento de Fernando Henrique na convenção do

PMDB, evitando a candidatura do ex-presidente. O professor entende que será difícil para o presidente avançar no eleitorado de centro-esquerda, por que não tem como usar com a mesma competência que Lula o discurso da estabilização aliado às propostas sociais.

**Riscos** – As divergências e os comportamentos personalistas dentro da frente de esquerda podem ser um problema para Lula ao longo da campanha. Apesar de defender uma frente de centro-esquerda desde 1989, Miguel Arraes é conhecido por ser centralizador, pelo menos quando governa. Antes de fechar a frente com Lula, chegou a declarar que o governador do Distrito Federal, Cristóvam Buarque (PT) era o seu candidato preferido.

Já Brizola protagonizou duros embates com Lula. Em 1994, por exemplo, disse que o petista é um “direitista disfarçado” e sua candidatura “facilita sempre a vitória das elites”. O pedetista também fez estranhas incursões na política. Ainda governador do Rio, em 1991, defendeu o ex-presidente Fernando Collor.

Restam também algumas pedras no trajeto que leva a frente das esquerdas ao programa de governo de Lula. De acordo com integrantes da aliança, a proposta de auditoria nas empresas já privatizadas, com margem para a reestatização, seria uma concessão dos setores mais moderados do PT à pressão feita pelos trabalhistas.

O quadro completa-se com a eterna batalha entre petistas moderados e radicais. As teses que o PT está pondo na mesa de negociações com os demais partidos são dos moderados. Mas, na medida em que a campanha avançar, ou até mesmo num eventual governo, a voz da esquerda petista pode elevar-se. “Existe uma grande pressão para o PT dar uma guinada”, diz o deputado Milton Temer (RJ), um dos líderes radicais. (H.G.N. e W.T.)

**FERRAZ:**  
GOVERNO  
ESPERAVA  
IMOBILISMO